



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **Entrelaçando saberes na Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial e Transnacional: Um Relato de Experiência**

Jéssica Góes da Silva (1); Denize de Almeida Ribeiro (1); Ícaro Ferreira da Silva (2); Manuela Pinheiro Santos (3)

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; E-mail: jelgoes1@gmail.com*

**Resumo:** O feminismo negro tem origem na conscientização, por parte das mulheres negras, da intersecção de raça e classe na construção do gênero, ele se caracteriza como um conjunto de experiências e ideias trocadas por elas que abarcam explicações teóricas da realidade. Trata-se de um relato de experiência vivida nos dias 06 de agosto a 11 de agosto de 2018, na 2ª edição do curso de verão da Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial, na cidade de Cachoeira. O curso foi promovido pelo Coletivo Angela Davis, com apoio da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A escola contou com a contribuição de pensadoras feministas como Kimberlé Crenshaw e Karina Ochoa. Para a construção do presente relato foi feita uma revisão bibliográfica, na base de dados: Google Acadêmico e Scielo. Em contato com uma epistemologia feminista negra compreendemos os símbolos e significados que a produção científica de mulheres negras têm para comunidade negra e acadêmica como um todo. Afinal as contribuições teóricas de mulheres negras são subjugadas, em se tratando mais especificamente no Brasil, há falta de interesse em traduzir para língua portuguesa as produções acadêmicas das negras. Fomos instigado a nos debruçarmos mais sobre o conceito de interseccionalidade, entendendo que ele é multidimensional dentro do movimento feminista negro e sua aplicabilidade e importância como dispositivo de identificação e análise das opressões enfrentadas pela população negra. A escola é um espaço de construção e formação política, pessoal e profissional, que nos possibilitou relacionar a interseccionalidade com as iniquidades sociais em saúde.

Palavras-chave: feminismo negro, interseccionalidade, epistemologia negra.

### **INTRODUÇÃO**

O feminismo negro, enquanto campo de produção crítico-teórico, nasce da inquietação de intelectuais negras frente o apagamento das suas pautas tanto nos movimentos antirracistas (predominantemente masculinos), quanto nos grupos feministas hegemônicos, protagonizados por mulheres brancas. (AKOTIRENE, 2018). As mulheres negras não se sentiam contempladas pela agenda antirracista, nem tampouco se identificavam com o discurso universalista das feministas brancas (BAIROS, 1995).

Ao se deslocarem do discurso universalista do feminismo branco, as mulheres negras

constroem uma perspectiva feminista que considera os impactos do racismo nas relações de gênero. Ademais, ao demonstrar a inseparabilidade de raça, classe e gênero o projeto feminista negro conseguiu também evidenciar a articulação existente entre os diversos mecanismos de opressão (CARNEIRO, 2003). Nesse sentido vale resgatar a afirmação da norte americana Patricia Hill Collins (2017):

“Usar o termo “feminismo negro” desestabiliza o racismo inerente ao apresentar o feminismo como uma ideologia e um movimento político somente para brancos. Inserindo o adjetivo “negro” desafia a brancura presumida do feminismo e interrompe o falso universal desse termo para



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cor

mulheres brancas e negras”. (COLLINS, 2017)

Para pensar de maneira interconectada os sistemas de opressão as feministas negras cunharam o conceito de interseccionalidade. Tal conceito foi sistematizado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw na obra “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics” e pode ser caracterizado como uma sensibilidade analítica que “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018).

Apesar da ampliação analítica e metodológica oferecida pelo feminismo negro, através de ferramentas como a interseccionalidade, as mulheres negras latino-americanas, africanas, indígenas, caribenhas ainda se sentiam sub-representadas por um feminismo que falha em capturar a experiência colonial e continua a reproduzir narrativas eurocêntricas (MATOS, 2015).

Ao apresentar as críticas feitas ao conceito de interseccionalidade, Akotirene (2018) aponta que “A interseccionalidade desconsidera o sistema mundo colonial como articulador das experiências intercruzadas, as quais o racismo compõe, sem centralidade, o problema estrutural”.

Na América Latina, influenciadas sobretudo pelos estudos pós-coloniais, as feministas terceiro-mundistas propõem uma revisão da produção feminista latinoamericana, transpondo o movimento epistêmico de giro decolonial (MALDONADO-TORRES, 2007) para os estudos de gênero. É nesse contexto que emerge o feminismo decolonial, que reverbera na produção das mulheres negras do sul global sob alcunha de feminismo negro decolonial.

Ainda sobre o feminismo decolonial a intelectual dominicana Ochy Curiel sinaliza:

“Estas propuestas críticas del feminismo latinoamericano y caribeño son posiciones de oposición al feminismo ilustrado, blanco, heterosexual, institucional y estatal, pero sobre todo un feminismo que se piensa y repiensa a sí mismo en la necesidad de construir una práctica política que considere la imbricación de los sistemas de dominación como el sexismo, racismo, heterosexismo y el capitalismo”. (CURIEL, 2009)

É nesse profícuo, controverso e pluripotente cenário que emerge a urgência de construção/consolidação de uma epistemologia negra decolonial. Um conhecimento contra hegemônico formulado através e a partir das experiências, referências, concepções e cosmovisões das mulheres invisibilizadas pelo sistema mundo moderno/colonial.

É preciso também subverter os mecanismos de legitimação do conhecimento criados pelos grupos dominantes. Faz-se necessário construir ferramentas de validação pensadas a partir de uma perspectiva feminista negra decolonial e além disso, criar subterfúgios para driblar a matriz colonial, racista e cisheterossexista.

A Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial na cidade de Cachoeira no Recôncavo Baiano constitui uma iniciativa concebida por intelectuais negras, promovida pelo coletivo Ângela Davis, capaz de promover rupturas com a matriz colonial, através da disseminação da produção feminista negras nas Américas.

O presente trabalho justifica-se pela escassez de estudos sobre Escolas do Pensamento Feministas e pela necessidade de registrar as experiências pedagógicas decoloniais



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Saúde

concebidas à luz do pensamento feminista das Américas.

Este artigo tem por objetivo relatar a experiência e de dois graduandos em Medicina durante a segunda edição do curso de verão da Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial e estrutura-se da seguinte maneira: (1) Breve apresentação da estrutura curricular do curso e do corpo docente; (2) Potencialidades: “o que ficou para os discentes?”; (3) Diálogos entre epistemologia negra feminista decolonial e o campo da saúde.

### MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência vivida nos dias 06 de agosto a 11 de agosto de 2018, na 2ª edição do curso de verão da Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial, na cidade de Cachoeira, situada no território de identidade compreendido como recôncavo baiano. O curso é um movimento de uma rede internacional de organizações feministas e decoloniais, o qual reconhece as desigualdades globais de gênero e raça. Ele é direcionado a pesquisadoras, ativistas e feministas negras das Américas e possui diversos propósitos, valendo destacar: proporcionar e potencializar o compartilhamento de experiências e conhecimentos entre as participantes; promover e fomentar o diálogo entre o Feminismo Negro e Decolonial trabalhado em diferentes países, numa perspectiva de interação com os movimentos sociais e a universidade; e deslocar a geografia da razão, já que o mesmo ocorreu no Brasil e, em especial, a cidade de Cachoeira, conhecida pela centenária irmandade feminina negra da Boa Morte.

O curso foi promovido pelo Grupo de Pesquisa em gênero, raça e subalternidades: Coletivo Ângela Davis, com apoio da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

(UFRB). Ele se estruturou em aulas durante do dia (de 08:30hrs às 12:30hrs pela manhã, das 15:00hrs às 18:00hrs pela tarde) e contou com a contribuição de pensadoras feministas como Kimberlé Crenshaw, Karina Ochoa, Ângela Figueiredo e Ísis Aparecida Conceição. Além da mesa de abertura, aberta ao público; aula empírica com Dona Dalva, na casa do samba; visitação a cidade de Cachoeira e a mesa de encerramento.

A construção do presente relato baseia-se na Bibliografia indicada no curso, além de uma busca seletiva nas bases de dados: Google Acadêmico e Scielo, com os seguintes descritores: feminismo negro, decolonialidade, interseccionalidade, epistemologia negra e Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial.

### RESULTADOS & DISCUSSÃO

#### 1. Corpo docente e estrutura curricular:

O curso foi estruturado em três módulos, contou ainda com uma visita guiada à cidade de Cachoeira, aula empírica com Dona Dalva Damiana na Casa do Samba, participação em audiência pública municipal, Roda de Conversa com movimentos sociais e um espaço auto-organizado pelas alunas do curso.

A política pedagógica orientadora do curso objetiva instrumentalizar, através das múltiplas contribuições do pensamento feminista negro decolonial, o pensamento crítico nos mais diversos campos do saber. Para atingir tal objetivo, os módulos ministrados pelas professoras Ângela Figueiredo, Karina Uchôa e Kimberlé Crenshaw propõem a imersão teórica em diferentes experiências feministas.

O primeiro módulo foi ministrado pela Professora Kimberlé Crenshaw (University of Wisconsin Law School), este módulo focou na contribuição feminista afro-americana e a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Pessoa

questão da interseccionalidade. Durante três sessões e uma conferência aberta Kimberlé traçou a trajetória do conceito cunhado por ela, explicitando como o conceito extrapolou o seu uso no campo do direito e têm adquirido função de destaque na política contemporânea.

No segundo módulo, dedicado a contribuição feminista decolonial, a professora Karina Uchôa da Universidade do México apresentou o debate descolonial através dos aportes feministas, discutiu o patriarcado sob a perspectiva dos feminismos descoloniais e anti-coloniais, apresentou a construção da noção de índio enquanto invenção discursiva teológica amparada na feminização/infantilização do outro e por fim dedicou sua última sessão a leitura decolonial das ontologias políticas de dominação.

Além da sua própria produção, as sessões da Karina foram amparadas pelos trabalhos de Yuderlys Spinosa, Aura Estela Cumes, Rita Segato, Ramón Grosfoguel e Arturo Escobar.

O módulo dedicado ao pensamento feminista negro brasileiro foi ministrado pela Professora e pesquisadora Ângela Figueiredo do Centro de Humanidades e Letras (CAHL) da UFRB. Apoiada pela própria produção científica e pelas contribuições de intelectuais negras brasileiras, a saber, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez e Luísa Bairos, a Professora Ângela consegue sumarizar em suas sessões o vanguardismo analítico da nossa produção intelectual. Ao fazer isto, ela fornece os alicerces para avigorar um movimento feminista verdadeiramente transnacional.

O curso contou ainda com uma sessão ministrada pela Professora Isis Aparecida Conceição da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Em sua sessão Isis articulou a aplicabilidade do conceito de

interseccionalidade às teorias da justiça no contexto brasileiro.

É esperado que a Escola do Pensamento Feminista Negro Decolonial em Cachoeira seja capaz de promover o aumento da produção de teorizações consistentes, precisas e significativas dentro da temática. O projeto se conecta com o território ao assumir o compromisso de transpor um território que se encontra na periferia geopolítica do conhecimento global para o centro das discussões acerca do feminismo negro decolonial.

2. Potencialidades: “o que ficou para os discentes?” :

Em contato com epistemologias feministas negra compreendemos os símbolos e significados que a produção científica de mulheres negras tem para comunidade negra e acadêmica como um todo, assim como percebemos que as contribuições teóricas de mulheres negras são subjugadas. No Brasil, por exemplo, há falta de interesse em traduzir para língua portuguesa as produções acadêmicas das negras (Figueiredo, 2017). A Escola nos leva a refletir sobre a valorização da epistemologia de mulheres negras que as coloca como centro do paradigma e confronta as práticas dominantes do conhecimento. Afinal essa abordagem epistêmica traduz uma sabedoria coletiva do ponto de vista das mulheres negras baseada no compartilhamento de experiências de sobrevivência na adversidade (Cardoso, 2017). Patrícia Hill Collins (1990) ainda vai destacar a “vantagem epistêmica” dessas mulheres por reconhecer e compreender os comportamentos e ações tanto dos oprimidos como dos opressores.

Compartilhar esse ambiente com referências literárias funcionou como mola propulsora para nos debruçarmos mais sobre o conceito de interseccionalidade e decolonialidade,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Saúde

afinal são conceitos novos, ainda pouco pautados nas abordagens acadêmicas brasileiras, mas de extrema importância e necessidade para o cenário em que a mulher negra sobrevive. Pois o primeiro termo foi cunhado para dar visibilidade às demandas das mulheres negras que se encontram na encruzilhada das discriminações raciais e de gênero. Por isso, ele baliza o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, proporcionando intervenções políticas e fundamentações jurídicas sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se inter cruzam, discriminando e marginalizando as mulheres negras (Akotirene, 2018). Já o segundo demarca um confronto ao saber eurocêntrico branco hegemônico padronizado que invisibiliza as epistemes das mulheres negras, demonstrando, assim, a necessidade de construção de um saber decolonial que legitime os saberes, as produções dessas mulheres (Curiel, 2009). Gloria Anzaldúa retrata a exclusão sofrida pela escrita negra quando afirma: “os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito”.

O curso foi um espaço que também nos proporcionou adquirir uma noção do contexto de outros países acerca das questões de gênero e raça, pois trabalhamos com contribuições feministas negras brasileiras, afro-americanas e decoloniais. Além disso, a escola nos oportunizou uma experiência enriquecedora de diálogo e troca com mulheres negras integrantes de movimentos sociais negro brasileiros e não brasileiros. Esse momento de entrelace de saberes foi fundamental para nossa formação política, pessoal e profissional, para compreendermos estratégias de resistência, de combate, de formação de rede de cuidado, apoio e acolhimento em outras conjunturas que possam nos ajudar a montar nossas estratégias.

Para Luiza Bairros em entrevista com Sonia E. Alvarez (2000), “ao longo dos anos 1980 e 1990 a questão das mulheres negras foi ficando cada vez mais evidente, como uma forma de pensar e uma forma de atuação diferenciada no movimento negro”, por isso o contato com mulheres negras integrantes de movimentos sociais negro funcionou como estratégia para refletirmos caminhos de aproximação entre esses polos.

### 3. Diálogos entre epistemologia negra feminista decolonial e o campo da saúde:

Durante a nossa experiência na Escola Internacional do Pensamento Feminista Negro Decolonial foi possível estabelecer relações entre a epistemologia negra decolonial e o campo da saúde. As observações registradas aqui, ainda que em fase embrionária, intentam construir a transposição do pensamento para uma prática profissional politicamente orientada pela intelectualidade feminista negra.

A sensibilidade analítica que o conceito de interseccionalidade proporciona possibilita uma análise mais apurada dos determinantes sociais do processo saúde-doença-cuidado. Analisar tais determinantes a partir de uma perspectiva interseccional viabiliza a compreensão deles para além dos protocolos universalistas encontrados nos manuais e políticas que orientam a praxis profissional.

Para além disto, a interseccionalidade se revela essencial para o campo da saúde, pois, propicia uma análise complexa das desigualdades sociais que se traduzem em iniquidades em saúde.

No que tange a inflexão decolonial proposta pelas feministas negras latino americanas as possibilidades que se apresentam são demasiadamente positivas. Pensar saúde sob a perspectiva negra-decolonial nos oportuniza conceber uma outra relação entre o saber



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Políticas da Ciência

biomédico hegemônico e os saberes produzidos em comunidades tradicionais.

Significa apresentar ao campo da saúde um pluralismo epistêmico capaz de colaborar para promoção do cuidado integral e da equidade em saúde das populações marginalizadas.

Repensar os currículos a partir de uma perspectiva feminista negra decolonial, implica em não só introduzir as racionalidades marginais no currículo mas também demanda a inserção da produção intelectual de mulheres negras produzida no bojo dos saberes biomédicos.

Em suma, possibilidades que a epistemologia feminista negra decolonial apresenta ao campo da saúde são inúmeras e representa uma área de estudos que merece ser aprofundada.

### CONCLUSÃO

Conclui-se que a escola atende a uma proposta pedagógica decolonial; possibilita o contato com pesquisadoras de referência internacionais e brasileiras negras; nos alerta para o reconhecimento das epistemologias de mulheres negras e principalmente brasileiras; nos ambienta com o conceito de interseccionalidade entendendo que ele é multidimensional dentro do movimento feminista negro e sua aplicabilidade e importância como dispositivo de identificação e análise das opressões enfrentadas pela população negra; assim como o faz com a ideia de decolonialidade, mostrando que o mesmo está para além de uma prática puramente acadêmica; nos permite relacionar o campo da saúde com os conceitos abordados e viabiliza debates e construções coletivas.

Foi uma experiência enriquecedora e de conquistas a qual possibilitou encontro de saberes diversos e decoloniais, como também

a participação em debates pautado em assuntos pouco ministrados na nossa formação acadêmica, mas que acreditamos ser essencial para nossa atuação como médicos e pesquisadores no campo da saúde da população negra.

Percebemos a importância e a necessidade de desenvolvermos esse trabalho pela possibilidade de compartilhar nossa experiência bastante significativa em uma escola feminista decolonial que se desenvolve em um território culturalmente simbólico, Cachoeira, e pelo interesse em divulgar a existência desse cenário contra hegemônico de produção de conhecimento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte - MG. Letramento: Justificando, 2018.

ALVAREZ, Sonia E.. Feminismos e antirracismo: entraves e intersecções: Entrevista com Luiza Bairos, ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir). Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 833-850, Dec. 2012. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2012000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000300012&lng=en&nrm=iso)>. access on 19 Nov. 2018.

ANZALDÚA, Gloria et al. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Estudos feministas, v. 3, n. 2, p. 458, 1995.

CARDOSO, Claudia Pons. POR UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA DO SUL: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulheres e Políticas da Mulher

NEGRAS E O FEMINISMO NEGRO NO BRASIL. 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11, Florianópolis, p. 1-11, jan. 2017. Disponível em: <[http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499452943\\_ARQUIVO\\_s](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499452943_ARQUIVO_s%20imposiotextofazendogenero13.pdf) imposiotextofazendogenero13.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso\*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 51, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. Black feminist thought: knowledge, consciousness and the politics of empowerment. Boston: Unwin Hyman, 1990. p. 221-238. Disponível em: . Acesso em: 19 nov. 2018.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. U. Chi. Legal F., p. 139, 1989.

CURIEL, Ochy. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde América Latina y el Caribe. Primer coloquio Latinoamericano sobre praxis y pensamiento feminista, 2009.

FIGUEIREDO, Angela. Somente um ponto de vista\*. Cad. Pagu, Campinas, n. 51, e175117, 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_a](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300509&lng=en&nrm=iso) rttext&pid=S0104-83332017000300509&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Nov. 2018. Epub Dec 18, 2017. .

MATOS, Renata Araújo; LIMA, Renata Monteiro; DUTRA, Delia. Entre Debates e Embates: uma reflexão sobre epistemologias feministas latino-americanas. Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, v. 11, n. 1, p. 13, 2015.

MALDONADO-TORRES, Nelson (2007). "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto", em CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSFUGUEL, Ramon (coords.) El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.